



Usos do advérbio “agora”: contribuições da gramaticalização para o ensino de Língua Portuguesa

Uses of the adverb now: contributions of grammaticalization to the teaching of Portuguese Language

Daiane Karla Correia Jodar

UNESPAR- Campus Paranavaí (Universidade/Faculdade)

Resumo: Este estudo tem como objetivo discutir os usos e os valores semântico-discursivos do advérbio *agora* à luz da perspectiva funcionalista da linguagem. Parte-se do pressuposto de que os elementos linguísticos não podem ser compreendidos de forma isolada, mas em estreita relação com o contexto de uso, as intenções comunicativas dos falantes e a organização do discurso. Nesse sentido, o advérbio *agora*, tradicionalmente associado à noção de tempo presente, revela-se uma unidade multifuncional, capaz de assumir diferentes papéis na construção do sentido e na progressão textual. Ancorado nos pressupostos do Funcionalismo, o trabalho considera a língua como um sistema dinâmico, sensível às pressões do uso e às necessidades comunicativas. A partir dessa abordagem, o advérbio *agora* é compreendido não apenas como marcador temporal, mas também como operador discursivo, atuando na orientação argumentativa, na retomada ou reorganização de tópicos e na gestão da interação entre os interlocutores. Tal perspectiva permite evidenciar processos de gramaticalização e de extensão semântica que ampliam as funções tradicionalmente atribuídas a essa classe de palavras. Ao enfatizar a relação entre forma, função e contexto, o estudo contribui para uma compreensão mais ampla do funcionamento dos advérbios na língua portuguesa, destacando a importância de abordagens funcionalistas para a descrição de fenômenos linguísticos que ultrapassam classificações estritamente normativas. Desse modo, o trabalho reforça a necessidade de análises que considerem o uso efetivo da língua como princípio central para a interpretação dos sentidos e das funções discursivas dos elementos linguísticos.

Palavras-chave: funcionalismo; gramaticalização; advérbio *agora*.

Abstract: This study aims to discuss the uses and semantic-discursive values of the adverb *now* from a functionalist perspective of language. It is based on the assumption that linguistic elements cannot be understood in isolation, but rather in close relation to their context of use, the speakers' communicative intentions, and the organization of discourse. In this sense, the adverb *now*, traditionally associated with the notion of present time, proves to be a multifunctional unit, capable of assuming different roles in meaning construction and textual progression. Grounded in Functionalist assumptions, the study conceives language as a dynamic system, sensitive to usage pressures and communicative needs. From this perspective, the adverb *now* is understood not only as a temporal marker, but also as a discourse operator, acting in argumentative orientation, topic resumption or reorganization, and in the management of interaction between interlocutors. This approach makes it possible to highlight processes of grammaticalization and semantic extension that expand the functions traditionally attributed to this word class. By emphasizing the relationship between form, function, and context, the study contributes to a broader understanding of the functioning of adverbs in Portuguese, underscoring the relevance of functionalist approaches for the description of linguistic phenomena that go beyond strictly normative classifications. Thus,

the paper reinforces the need for analyses that take actual language use as a central principle for interpreting meanings and the discursive functions of linguistic elements.

Keywords: functionalism; grammaticalization; adverb now.

INTRODUÇÃO

A linguagem constitui um bem social fundamental, por meio do qual os sujeitos se expressam, interagem, constroem sentidos e posicionam-se no mundo. É pela linguagem que se estabelecem relações sociais, se organizam práticas discursivas e se efetiva o exercício da cidadania. Nesse contexto, a reflexão linguística assume papel central na formação acadêmica e profissional, sobretudo no âmbito dos estudos de Letras, ao possibilitar uma compreensão mais ampla e crítica do funcionamento da língua em uso.

Para que a comunicação se realize de forma eficaz, é necessário compreender que os fenômenos linguísticos não se limitam a classificações fixas ou a descrições normativas. A língua apresenta-se como um sistema dinâmico, sensível às pressões do uso e às necessidades comunicativas dos falantes. Desse modo, abordagens teóricas que consideram a relação entre forma, função e contexto tornam-se fundamentais para a análise linguística e para a atuação do professor de Língua Portuguesa, especialmente aquele em formação ou já inserido no ensino superior e na educação básica.

À luz da perspectiva funcionalista, os elementos linguísticos são compreendidos a partir de seus usos efetivos nos diferentes contextos discursivos. Essa abordagem permite repensar categorias tradicionalmente estabilizadas pela gramática normativa, evidenciando processos de mudança e de ampliação funcional, como a gramaticalização. Nesse sentido, itens linguísticos amplamente utilizados no cotidiano, como o termo *agora*, revelam-se férteis para a investigação teórica, uma vez que mantêm sua função temporal básica, mas também assumem valores discursivos e argumentativos diversos.

Este trabalho tem como objetivo contribuir teoricamente para os estudos funcionalistas, ao discutir os usos e os valores semântico-discursivos do advérbio *agora*, destacando os processos de gramaticalização que envolvem esse item. Ao enfatizar a língua em uso e os mecanismos de construção de sentido, a pesquisa busca oferecer subsídios teóricos relevantes para o professor de Letras, auxiliando-o a desenvolver uma compreensão mais flexível e contextualizada da gramática, capaz de articular descrição linguística, reflexão teórica e prática docente.

No tópico seguinte, serão apresentados os fundamentos da teoria funcionalista, bem como uma breve discussão sobre o conceito de gramaticalização, considerados essenciais para a análise proposta e para a compreensão dos fenômenos linguísticos abordados ao longo deste estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O termo *funcionalismo* faz jus ao nome, pois é uma corrente baseada no funcionamento e no uso da língua, sendo analisada a partir do contexto linguístico e da situação extralinguística, tendo a sintaxe como uma estrutura em constante mudança, em consequência das alterações do discurso. É também classificada como uma corrente que privilegia “as constantes transformações das formas da linguagem na sociedade”, o significado e o uso das formas linguísticas nas situações comunicativas (Carneiro, s.d.).

Desse modo, para entender o fenômeno sintático, conforme a visão funcionalista, faz-se necessário estudar a língua em uso em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse contexto que a gramática é constituída, como afirma Martelotta (2003), um estudioso do grupo funcionalista:

O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema.

Um dos propósitos do funcionalismo é fazer da língua uma descrição abrangente. Caracteriza-se por considerar a língua um instrumento de comunicação, não autônomo, mas com uma estrutura flexível, adaptável às pressões de diversas situações comunicativas, que auxiliam a indicar sua estrutura gramatical. A abordagem funcionalista tem como um de seus principais objetivos analisar a maneira como determinada língua é utilizada por seus falantes para fins de comunicação. Considera a língua como dinâmica, portanto sempre sujeita a diversas mudanças.

Por isso, este trabalho tem a finalidade de demonstrar a flexibilidade que a língua tem e que não se pode considerá-la como um sistema imutável, rígido. No item seguinte, será explicada de maneira sucinta a definição de gramaticalização, em seguida, será apresentada a análise dos dados.

A gramaticalização

Agramaticalização é um processo linguístico que acontece no desenvolvimento da língua no decorrer do tempo. Existem registros de estudos datados no século X,

na China, porém somente a partir do século XX é que se iniciou o desenvolvimento de estudos mais aprofundados sobre gramaticalização, conforme Neves (1997). Esse fenômeno linguístico é definido como um processo da gramática que acontece por meio do discurso, elucidando o princípio funcionalista de que é a partir do uso da língua que se adapta à gramática.

As mudanças ocorridas na gramaticalização podem ser de ordem semântica, morfossintáticas e até fonológicas. Essas mudanças acontecem induzidas pelos contextos em que estão inseridas.

Dentre os muitos estudiosos dos quais apenas alguns serão citados neste trabalho, destaca-se o precursor da gramaticalização que foi Meillet (1912), ele definiu esse fenômeno como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. Segundo Gonçalves *et al.* (2007, p.21), Meillet classificou na perspectiva diacrônica as palavras como: gramaticais, principais e acessórias, ocorrendo entre elas um processo gradual. Existem muitas definições de gramaticalização em diversos dicionários e manuais de linguística que possibilitam perceber, em sua base, a definição de Meillet (1912). Conforme cita Castilho (1999, p.31), gramaticalização é:

O trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

Para Hopper e Traugott (1993, p.15), a gramaticalização é definida como uma sequência contínua, na qual itens e construções lexicais perpassam, em determinados contextos linguísticos, adquirindo funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a obter novas funções gramaticais.

Hopper e Traugott (1993, p.2) indicam duas perspectivas de estudo da gramaticalização: a histórica, em que, por meio dessa perspectiva, estuda-se a procedência das formas gramaticais e as mudanças típicas que as afetam; e a perspectiva sincrônica, que visa a estudar a gramaticalização sob o ponto de vista de padrões fluidos do uso linguístico. Em outros termos, a gramaticalização é o fenômeno pelo qual um item sai do discurso para entrar na gramática.

Heine (1993, p.7) acrescenta que a gramaticalização consiste no aumento de limites de um fonema que vai de um valor lexical para um valor gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical. O autor ainda afirma que a gramaticalização é:

Um processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical (Heine 1991, p.2).

Lehmann (1995) define a gramaticalização como um processo de morfologização que leva à mudança de estatuto de um item não somente lexical a gramatical, mas também do menos para o mais gramatical. Para Cunha (2003), existem dois tipos de gramaticalização:

Scrito sensu: ocupa-se da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática. Mudança do verbo ir, que acumula as funções de verbo pleno e auxiliar conforme signifique deslocamento espacial ou deslocamento temporal. *Lato sensu*: busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular. A mudança se dá na própria gramática.

Segundo Martelotta (2008, p.172), a gramaticalização possui outra definição:

A Gramaticalização se caracteriza como um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, permanecem desenvolvendo novas funções gramaticais. A tendência é que esse processo ocorra com itens ou expressões muito frequentes.

Dentre os vários processos de mudança linguística, “a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral. A constante renovação do sistema linguístico - Percebida, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes” (Gonçalves, 2007, p.15).

Poggio (2002, p. 60) enfatiza que três grupos conceituam a gramaticalização de modos distintos, a característica de cada definição distingue tanto pela época, quanto pelas perspectivas adotadas.

O primeiro grupo fez parte dos estudos e pesquisas sobre a gramaticalização até 1970, trabalhando com o léxico e a gramática. Nessa época, a gramaticalização foi estudada e conceituada como um processo em que um item lexical assume uma função gramatical e, conseqüentemente, caminha de uma classe aberta, cujas unidades são independentes, citadas em construções menos ligadas, para uma classe fechada, composta por estruturas dependentes, como clíticos, partículas, verbos auxiliares, construções aglutinativas e flexões (Castilho *apud* Traugott 1999, p. 34).

Já o segundo grupo teve como objeto de estudo o discurso e a gramática. Para esse grupo, a gramaticalização, de certo modo também era vista como uma outra análise do material léxico para o material gramatical, mas diferenciou-se do primeiro grupo por compreender, ao mesmo tempo, que o fenômeno faz uma análise dos padrões discursivos para os padrões gramaticais, já no que diz respeito a estrutura sintática é formada por um elemento que é derivado do discurso.

Princípios de Gramaticalização Segundo Hopper (1991)

Para Hopper (1991, pp17-35), os princípios que regem o processo de gramaticalização são formados por cinco fatores:

a) Estratificação – Ao ocorrer esse processo de gramaticalização, novas formas surgem dentro do sistema linguístico, as formas mais antigas não cessam de existir imediatamente e por consequência passam a interagir com as atuais.

b) Divergência – É considerado um caso especial da estratificação, porém com algumas diferenças significativas. Esse processo explica que no mesmo sistema linguístico existem formas iguais, porém com funções distintas. Passam a existir simultaneamente, as formas novas e as formas originais, sendo as mais novas sujeitas a mudanças.

c) Especialização – Esse princípio se dá com a questão de um item se tornar obrigatório pela falta de escolha. Podem ocorrer no sistema diferentes formas com especificidades de significado. No processo de gramaticalização, a variedade de escolhas diminui e as formas selecionadas assumem uma extensão maior e mais abrangente no que se refere à sua significação.

d) Persistência - Acontece quando mesmo após o item passar pelo processo de gramaticalização, permanece com marcas de seu significado original e peculiaridades de seu trajeto podem ser refletidas sobre sua distribuição gramatical.

e) Descategorização – Caracteriza-se pela perda de sua categoria. Depois do processo de gramaticalização, as formas perdem ou neutralizam marcas morfológicas e categorias sintáticas características das categorias plenas nome e verbo, e passam a assumir particularidades próprias de categorias secundárias.

Para resumir, Lopes (s.d.) afirma que a gramaticalização, grosso modo, ocorre quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo status como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática (=recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema¹.

Algumas funções do termo *agora*

Tradicionalmente, a palavra *agora* é classificada no âmbito da gramática tradicional como advérbio de tempo. Segundo Duque (2002), o item “*agora*” surgiu da reanálise da expressão latina *hac hora* que significa (n) esta hora.

De acordo com Câmara Jr. (1975, p. 117), no sistema de advérbios temporais, o advérbio *nunc* possuía a acepção de “*neste momento*”. *Nunc* foi substituído, desde o latim vulgar, regionalmente, pela locução de ablativo *hac hora*, donde se originou o *agora*.

Dentro de uma perspectiva tradicional o advérbio é classificado de diversas formas, As denominadas gramáticas tradicionais classificam como o advérbio

¹ Adaptado de Castilho, 1997:31

como o termo que modifica o verbo, caracterizando o processo verbal. No caso de advérbios de intensidade, além do verbo, estes poderão mudar um adjetivo ou outro advérbio. Bechara (1999) elucida que:

O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.

Faraco e Moura (2005) afirmam que o advérbio é a palavra que indica circunstância de lugar, modo, tempo, negação, intensidade e ainda que o advérbio pode modificar um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Não admitindo uma outra função ao termo *agora*, a não ser a de advérbio, é que a gramática funcional contesta essa teoria, pois se baseia no falante e em seu contexto para analisar como o termo funciona em determinado momento.

Já para Bomfim (1988, p. 36), a classificação dos advérbios é questionável. A autora os classifica como, uma vez que são dêiticos e podem exercer função de sujeito, como seguem os exemplos: “Aqui é o melhor lugar do mundo”; “Lá continua um paraíso”.

Além desses, a autora também classifica como pronomes os advérbios de tempo “ontem”, “hoje”, “amanhã”, podendo exercer a função de sujeito.

Sob o ponto de vista do funcionalismo, a gramática é tida como uma estrutura maleável, que é adaptada às necessidades da comunicação cognitiva dos falantes, desse modo, pretende-se mostrar que o item *agora* possui outras funções na língua portuguesa e não pode limitar-se simplesmente à classificação de advérbio temporal. Neste capítulo, serão citados somente alguns exemplos das funções que o termo *agora* desempenha, exemplificando que o termo passou por um processo de gramaticalização.

Segundo Martelotta (1998, p. 94), as noções de espaço e tempo tendem a se confundir em determinados contextos e, no caso do item em estudo, o contexto de confusão seria o próprio momento da fala, como no exemplo seguinte:

No interior de um ônibus, de onde uma menina apontou para uma lanchonete na beira da estrada e pediu alguma coisa para a mãe, que se recusou a atender. Diante da negativa da mãe, a menina começou a chorar. Com um tom ameaçador, a mãe gritou: **Agora** não dá! (se refere tanto ao momento quanto ao lugar) ²

Conforme Duque (2002), o item *agora* pode ser classificado como, exofórico, endofórico e juntivo, como explica nos exemplos:

a) Exofórico: responsável por localizar algo no tempo ou no espaço. Do ponto de vista semântico, o uso básico dêitico do *agora* estaria relacionado à noção de “momento presente”.

2 Os exemplos referentes ao termo agora foram retirados do trabalho de DUQUE, P. Henrique. O elemento agora sob o enfoque da gramaticalização. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2002.

Agora mesmo, ó, eu comprei um livro para a minha filha, de medicina, então eu pedi pelo correio.

b) Endofórico: Do ponto de vista semântico, considera as categorias cognitivas dos constituintes recuperados ou indiciados pelo *agora*, acreditando que os usos categóricos remetessem a sintagmas, cujo grau de abrangência *temporal fosse maior*.

E– quando é que você vai para lá? F – Vou agora na sexta feira (o tempo se estende).

c) Juntivo: Nesse caso, observa-se um tipo de contraste “possivelmente” sinalizado pelo *agora*. (Função de conjunção adversativa)

Ah! Cozinhar – eu cozinho mais ou menos. Agora, negócio de fazer arroz, feijão, não.

Com relação à função juntiva do item *agora*, uma marcante característica é poder ser substituído por “mas”. O elemento faz a junção quando participa de algum tipo de relação de contraste entre orações simples ou complexas, ou seja, parece que tal elemento atua no nível sintático e desempenha o papel de conector interoracional como exemplifica Duque, 2009:

Com a família ela cresce. Agora com o marido ela murcha. (PEUL/).

Segundo Antonio (2009), mesmo sendo difícil encontrar uma exata definição para os MDs³, o item *agora* pode sim ser incluído nessa categoria, pois é usado pelos usuários da língua não só como um advérbio temporal, mas também em seus discursos, utilizando-o como retomada de turno de fala ou encaminhamento de tópicos, como o autor exemplifica⁴:

a) .. e o que essa gordura vegetal hidrogenada tem?

.. ela é riquíssima em trans,

.. ela é praticamente puro trans,

.. vamos dizer assim.

.. então homem concentrou.

. agora vai te fazer mal você comer essa gordura de origem animal trans?

.. não,

.. existem estudos que comprovam que a gordura trans de

3 MDs: Marcadores Discursivos

4 Os exemplos dos Mds foram retirados do trabalho de Juliano Desiderato Antonio, “Os usos do *agora* em elocuições formais e em entrevistas orais”. Artigo apresentado à UEM.

origem animal

ela é benéfica pra saúde,

b) .. então a gente tem que .. preferencialmente .. escrever .. a maneira

que é .. USUAL dentro da matemática,

.. por quê?

..o dia que você né .. precisa::r fazer uma consulta,

.. num livro lá .. no meio/ no capítulo dez no livro,

.. você abre o livro lá e tal,

.. e tá cheio de símbolos aquelas coisas e tal.

.. aí você abre o livro

você tando por dentro da linguagem matemática,

.. você:: .. pega o livro,

.. tá no capítulo dez,

.. mas você começa a ler,

.. e entende.

.. **agora** .. se você escreve de um jeito,

.. tudo sem prestar atenção,

.. você não domina a linguagem matemática,

.. o que acontece?

.. você pra entender o capítulo dez,

.. vai ter que ler os dez primeiros do livro.

Observa-se por meio dos exemplos que o item *agora* possui, além da função de advérbio de tempo, a função de conjunção adversativa e marcador discursivo. Nesse sentido, não se pode classificá-lo apenas como advérbio temporal, mas deve-se analisar a sua função de acordo com o contexto onde está inserido.

A GRAMATICALIZAÇÃO E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

De acordo com os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (Brasil, 1997), o ensino de Língua Materna, deve proporcionar atividades de reflexão sobre a língua, as atividades epilinguísticas e atividades metalinguísticas.

As atividades epilinguísticas têm a capacidade humana de refletir, pensar sobre os fatores e os fenômenos da linguagem. Já as atividades metalinguísticas, têm o poder de explicar, falar sobre a própria linguagem.

Pelo que se observa em suas práticas habituais, o ensino de Língua Portuguesa trata a linguagem como se fosse um conteúdo em si, não como um fator para aprimorar a qualidade da produção linguística. Pode-se citar como exemplo, a gramática, ensinada de forma descontextualizada, virou emblema de um conteúdo estritamente escolar, uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua através de exemplos e exercícios de fixação e regras. Desse modo, há múltiplos questionamentos a respeito da necessidade ou não de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é para que e como ensiná-la.

Tendo como objetivo principal do trabalho a reflexão sobre a língua para a aquisição de melhor qualidade no uso da linguagem, acredita-se que as situações didáticas devem basear-se na atividade epilinguística, na reflexão sobre a língua em diversas situações como produção e interpretação, sendo a rota para tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção linguística. Assim, a partir daí, deve-se adotar, paulatinamente, os elementos para uma análise de natureza metalinguística. O lugar natural, na sala de aula, para esse tipo de prática parece ser a reflexão compartilhada sobre textos e atividades reais.

Infelizmente, os elementos para o trabalho com a metalinguagem nem sempre são bem explorados nos materiais didáticos, instrumentos muitas vezes tidos como únicos no ensino em sala de aula. Por isso, propôs-se analisar, neste trabalho, os exercícios e os apanhados teóricos abordados com o intuito de explicar o conceito ao leitor e refletir sobre a teoria funcionalista, a gramaticalização, e mostrar que a ausência da explicação deste fenômeno linguístico é prejudicial aos alunos que buscam conhecer e compreender o funcionamento da língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi possível evidenciar ao longo deste trabalho, a gramaticalização configura-se como um fenômeno linguístico central para a compreensão do funcionamento dinâmico da língua. À luz da perspectiva funcionalista, a língua é concebida como um sistema em constante adaptação, moldado pelo uso e pelas necessidades comunicativas dos falantes. Nesse contexto, a gramaticalização não implica o apagamento do significado original de um item linguístico, mas, conforme aponta Heine, envolve a ampliação de seus valores funcionais, possibilitando a atuação desse item em novos contextos discursivos e sintático-semânticos.

A observação do item *agora* permite ilustrar de forma consistente esse processo. Tradicionalmente classificado como advérbio de tempo, *agora* mantém essa função nuclear, mas, ao longo do uso, passa a assumir outras funções, como a de conjunção adversativa, marcador discursivo e até substantivo, a depender do contexto em que é empregado. Tal comportamento evidencia que as categorias gramaticais não são estanques, mas flexíveis e permeáveis, reforçando a ideia funcionalista de que forma e função se constroem na interação entre língua, discurso e contexto.

Do ponto de vista teórico, esses resultados contribuem para a compreensão dos processos de mudança linguística e para o reconhecimento de que os fenômenos gramaticais devem ser analisados a partir do uso efetivo da língua. A gramaticalização do item *agora* demonstra como elementos linguísticos podem expandir seus papéis discursivos sem perder completamente suas funções originais, o que desafia descrições puramente normativas e classificatórias da gramática tradicional.

No âmbito do ensino de Língua Portuguesa, essas reflexões assumem especial relevância. Compreender fenômenos como a gramaticalização possibilita ao professor ampliar a abordagem dos conteúdos gramaticais, superando uma perspectiva meramente taxonômica e promovendo uma visão mais funcional e contextualizada da língua. Ao reconhecer que um mesmo item linguístico pode desempenhar diferentes funções conforme o uso, o ensino passa a valorizar a reflexão sobre a linguagem em funcionamento, favorecendo o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

Nessa perspectiva, o trabalho com atividades epilinguísticas torna-se fundamental, pois permite que o aluno observe, compare e reflita sobre os usos reais da língua, percebendo regularidades, variações e deslocamentos de sentido. Assim, mais do que apresentar classificações fixas, o ensino de gramática pode contribuir para a formação de sujeitos capazes de compreender e produzir textos de forma mais consciente e eficaz. Desse modo, a incorporação de pressupostos funcionalistas e de noções como a gramaticalização no ensino de Língua Portuguesa revela-se um caminho promissor para articular teoria linguística, prática pedagógica e uso social da linguagem.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, J.D. **Os usos do agora em elocuições formais e em entrevistas orais**. In Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 189-214, jul./dez. 2009. <http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/17-2_09.pdf> Acesso em 30 de ago.2011.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 1999. 39. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BONFIM, Eneida. **Advérbios.** São Paulo: Ática, 1988.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CARNEIRO, Eduardo Araújo Rita . **Notas Introdutórias sobre a análise do Discurso** <<http://www.artigos.netsaber.com.br/Acesso> em 10 de ago.2011.

CASTILHO, A. **Introdução à Linguística Cognitiva. Relatório Científico submetido à FAPESP** (Proc. 99/10399-9), 1999, p. 32 a 64.

CUNHA, M. A. F., OLIVEIRA, M. R. MARTELOTTA, M. E. (orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. 1ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DUQUE, P. Henrique. **O elemento agora sob o enfoque da gramaticalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2002.

FARACO & MOURA. **Linguagem nova**.17ª ed. São Paulo: ed. Ática 2005.

GONÇALVES, S. C.; LIMA HERNANDES, M .C.,CASSEB- GALVÃO, V.C. (Org.) **Introdução à gramaticalização: Princípios Teóricos e Aplicação**. São Paulo: Parábola 2007.

MARTELOTTA, M; AREAS, E. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. 1998. In: CUNHA *et al.* (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática funcional. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

———. **Uma visão geral da gramática funcional**. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 38, p. 109–127, 1994.

POGGIO, R. M. F. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2002, p. 59 a 77.